
Uma relação difícil? Mulheres imigrantes da Europa de Leste e redes sociais

Christiane Hellermann, M.A.¹

Resumo

Nos últimos anos, muitas mulheres 'de Leste' imigram sozinhas para Portugal, deixando as suas famílias, maridos e filhos nos países de origem. A partir das experiências destas mulheres migrantes, a presente comunicação examina a sua relação relativamente às redes sociais dos seus compatriotas em Portugal. A minha investigação mostra que a situação das mulheres migrantes e sozinhas encontra-se geralmente à margem (não só da sociedade portuguesa mas também) das comunidades imigrantes pelo facto de as redes sociais terem um papel ambíguo para mulheres.

Esta comunicação pretende contribuir para a sociologia de migração (de mulheres, para Portugal), bem como para a teorização de redes sociais. Se bem que existe já literatura sociológica e antropológica considerável sobre o importante papel das redes sociais nos trajectos migratórios, faltam ainda muitos conhecimentos empíricos e teóricos sobre os diferentes aspectos das redes sociais relativamente ao género.

Contexto

Esta comunicação baseia-se na minha investigação qualitativa sobre mulheres imigrantes de Leste em Portugal. Sou antropóloga (M.A.), doutoranda da Humboldt Universität Berlin, Alemanha, e doutoranda convidada no ISCTE, Lisboa. Vivo e trabalho desde Setembro de 2001 em Lisboa. De Novembro 2003 até Abril 2004 fui Marie Curie Fellow na 'Ethnicity and Social Policy Research Unit', Department of Applied Social Sciences, University of Bradford, Reino Unido.

Rascunho da comunicação

Nesta comunicação pretendo divulgar as primeiras conclusões da análise do material empírico da minha investigação sobre a imigração feminina de Leste para Portugal e discuti-las subsequentemente com os participantes do congresso.

Em primeiro lugar, vou dar uma breve contextualização teórica relativamente ao papel das redes sociais nos percursos migratórios (p.ex. Anthias/Lazaridis 2000, Bauböck/Rundell 1998, Degenne/Forsé 1999, Menjívar 2000, Portes 1995, Vertovec 2001). Depois, explicarei o quadro metodológico da minha investigação (qualitativa, com orientação etnológica, entrevistas abertas, observação participante).

A análise subsequente pretende dar respostas a estas perguntas centrais: Qual é a posição de mulheres imigrantes relativamente à sua integração e participação nas redes sociais? De que maneira podem e querem participar? A argumentação será desenvolvida a partir do contexto das experiências das mulheres imigrantes.

Serão elaboradas e examinadas as posições de mulheres imigrantes de Leste relativamente a diferentes tipos e aspectos de redes sociais. A estrutura da comunicação será a seguinte, sempre baseada nos dados empíricos e referindo-se a estes.

¹ E-mail: chrhell@yahoo.de

Redes formais

A maioria das mulheres imigrantes de Leste que imigram sozinhas para Portugal distancia-se das associações e das redes mais formais ou institucionalizadas. Em particular, as mulheres da antiga União Soviética, da Rússia e da Ucrânia, têm um certo cepticismo relativamente a qualquer contacto com os seus compatriotas.

A minha investigação empírica indica sobretudo duas razões para esta atitude:

1. Nas associações e redes sociais mais formais existe um nível elevado de controle, particularmente – mas não exclusivamente – por parte dos homens sobre as mulheres que se encontram sozinhas em Portugal.
2. As mulheres que migram sozinhas são rapidamente conotadas de prostitutas. Portanto, as mulheres sozinhas facilmente se encontram numa situação de suspeição em que sofrem de desrespeito, mesmo de difamação, por parte dos seus compatriotas masculinos.

Isto significa que este ambiente de suspeição e de controlo tem frequentemente como consequência não só certo tipo de paternalismo senão também o protecçãoismo. O último pode ter ligações às estruturas mafiosas e/ou ao lenocínio. Por esta razão, muitas mulheres de Leste da Europa distanciam-se voluntariamente das redes sociais imigrantes (mais estabilizadas) em Portugal.

Redes mais informais

Igualmente, algumas mulheres tinham más experiências relativamente às redes sociais mais informais e à 'amizade': o nível de suspeição e de desconfiança é bastante elevado, particularmente entre os imigrantes de Leste. Várias mulheres contam que outras mulheres imigrantes, colegas de trabalho etc., com as quais elas mantinham um contacto mais pessoal e íntimo, referindo mesmo por vezes que tinham uma certa amizade, as desilusionavam porque falavam sobre elas com outros, confiavam a sua intimidade a outros, por vezes também mentiras (neste contexto algumas mulheres referem, novamente, a difamação de elas serem prostitutas...). Depois de isto acontecer, todas as mulheres da minha investigação começavam a distanciar-se de outras mulheres imigrantes.

Uma mulher da Ucrânia (uma das poucas mulheres imigrantes de Leste que prefere falar inglês comigo em vez de português) acha que a causa desta tendência se encontra na atitude de inveja e de concorrência entre os migrantes de Leste da Europa, pois a situação da sua vida é dominada por humilhação e um certo "greed for material things", como ela explica. Ela sente-se alienada dos seus compatriotas, sem perceber "my own people".

O papel ambíguo da igreja

A maioria das mulheres ucranianas e russas ortodoxas que migram sozinhas não tem um contacto intenso com a igreja ortodoxa em Portugal: na sua percepção, o ambiente dentro das comunidades está bastante fechado, elas percebem as relações entre as pessoas como sendo mais formais e socialmente divididas.

Também no contexto da igreja, muitas mulheres sentem-se observadas de uma maneira suspeita por alguns dos seus compatriotas pela mesma razão que já mencionei em relação às redes sociais: há suspeita porque elas, sendo mulheres, estão sozinhas em Portugal, sem os seus maridos, sem a sua família. Adicionalmente, neste contexto, algumas reconhecem novamente a tendência para serem protegidas/controladas. Assim, as mulheres ucranianas e russas tendem a

evitar as comunidades e as redes religiosas tanto como seculares. E ao mesmo tempo, continuam a sentir a falta de amigas/os e a sofrer de solidão.

Algumas observações

Em todo o caso, as experiências não são homogêneas e também há mulheres que falam positivamente sobre os contactos que elas têm pela sua participação nas redes sociais e comunidades de imigrantes. Os grupos religiosos oferecem, afinal, a possibilidade para algumas mulheres de Leste de se encontrarem regularmente e de obterem ajuda se for necessário.

Sobretudo as mulheres romenas que trabalham como empregadas domésticas internas referem-se positivamente às ligações sociais no âmbito da Igreja Romeno-Ortodoxa. Cá, a missa não só é um ponto de encontro social, mas também oferece apoio, por exemplo, em relação a questões legais. Muitas mulheres imigrantes da Moldávia pertencem também a esta comunidade.

Neste contexto, é importante enfatizar a situação particular das empregadas domésticas e, em particular, das empregadas domésticas internas (das "internas", como se diz): como o seu trabalho é, na maioria dos casos, seis dias por semana (ou mesmo seis dias e meio!), são muito limitadas as possibilidades que elas têm para se encontrarem com outras pessoas, para obter apoio, para criar redes sociais próprias, etc.. Estas mulheres estão muito sós e, por esta razão, encontram-se numa situação extremamente vulnerável. Como seu dia de folga é, normalmente, o domingo, a igreja torna-se num elemento social com grande importância no seu trajecto migratório. A missa aos domingos e, sobretudo, os encontros informais que ocorrem depois, na rua, oferecem uma possibilidade regular para ver outros imigrantes e para estabelecer, pelo menos, alguma forma de interacção social.

Conclusão e sugestões

A análise do material empírico indica claramente que as redes sociais têm uma face dupla nas experiências das mulheres migrantes: podem oferecer apoio e ajuda em situações de desespero e solidão – mas, para muitas mulheres, podem ser, ao mesmo tempo, um peso, mesmo um instrumento de pressão e de controle.

Podemos ver que as mulheres que migram sozinhas para Portugal em geral sentem uma solidão intensa. A maioria delas tinham relações sociais estáveis e intensas na sua terra de origem, agora sentem a falta de contactos pessoais íntimos e de amizade. Para elas é muito difícil estabelecer contacto social em Portugal. No que toca às redes sociais existentes, elas estão frequentemente confrontadas com suspeição (porque estão sozinhas) e com difamação (muitas vezes de serem prostitutas), tanto pela sociedade Portuguesa como pelos seus compatriotas, homens e por mulheres. As redes sociais ligadas à designada 'máfia russa' estão presentes nas experiências destas mulheres e muitas vezes isto é também uma das causas principais para procurarem manter distância das redes sociais de compatriotas.

Certo é que muitas mulheres imigrantes de Leste se encontram em posições similares com problemas similares, mas mantêm distância de outros imigrantes – e continuam a sofrer de solidão. Portanto, será importante dar apoio e uma certa segurança a este grupo de mulheres para elas terem a possibilidade de construir redes sociais próprias de apoio mútuo, bem como para terem a possibilidade de se integrarem numa maneira melhor e mais fácil na sociedade portuguesa.

Referências

- ANTHIAS, Floya/LAZARIDIS, Gabriella (eds.) (2000). *Gender and Migration in Southern Europe. Women on the Move*. Oxford/New York: Berg.
- BAUBÖCK, Rainer/RUNDELL, John (eds.) (1998). *Blurred Boundaries: Migration, Ethnicity, Citizenship*. European Centre Vienna, Aldershot (England)/Brookfield, Vermont (USA): Ashgate.
- DEGENNE, Alain/FORSÉ, Michel (1999). *Introducing Social Networks*. French original edition 1994. London, Thousand Oaks CA, New Delhi: Sage.
- MENJÍVAR, Cecilia (2000). *Fragmented Ties: Salvadorian Immigrant Networks in America*. Berkeley: University of California Press.
- PORTES, Alejandro (ed.) (1995). *The Economic Sociology of Immigration. Essays on Networks, Ethnicity, and Entrepreneurship*. New York: Russel Sage Foundation.
- VERTOVEC, Steven (2001). Transnationalism and identity. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 27, no. 4: 573-582.